

**BAUDELAIRE: O MODERNISMO NAS RUAS DE BERMAN,
MARSHALL (1986)**

Baudelaire: Modernism on streets by Berman, Marshall(1986)

Baudelaire: Modernismo en las calles de Berman, Marshall(1986)

Received: june/2020

Accepted: june/2020

Available online: june/2020

Gleid Ângela dos Anjos Costa, Mestra em Estudos Literários, Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil. E-mail: gleid.angela@ifpa.edu.br

Dayse Rodrigues dos Santos, Mestre em Estudos da Linguagem, Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil. E-mail: dayserodrigues180@gmail.com

RESENHA

Como maneira de mostrar o verdadeiro espírito do homem moderno e a modernidade representada pelo poeta, Marshall Berman (1986) dedica um capítulo do seu livro à Baudelaire intitulado: “Baudelaire: o moderno nas ruas”. Seu intento é demonstrar, através desse poeta, as duas facetas que ofuscam o sujeito e sua relação de interdependência com o ambiente moderno.

Ou seja, esses dois lados os quais Berman (1986, p. 129) afirma é o ‘modernismo’, “ espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos, o artístico e intelectuais autônomo” e a ‘modernização’: “Complexo de estrutura política, econômico e social que emanam nas ruas da cidade, em especial, as de Paris”.

Berman (1986) passeia entre algumas produções de Baudelaire e mapeia algumas questões pertinentes ao entendimento do modernismo explanado nas palavras desse poeta de Paris. Ressalta também as visões pastorais e antipastorais que subverte a obra do poeta. Enfim, traça, exemplificando com a arte baudelaireana, os pontos principais e marcantes que definiram a concepção de vida moderna que hoje conhecemos. Por isso que Berman (1986) o denomina como precursor e mestre da arte moderna.

A concepção modernidade está calcada, segundo o autor, em “O Ritmo de vida moderna” em que Baudelaire demonstra a instabilidade de fixar em significado, pois a modernidade é, entendido pelo poeta como efêmero, é a “metade da arte cuja outra metade é eterna e imutável”(BERMAN, p. 130). Nessa indeterminação está a crítica aos padrões franceses de que enquadra a arte em partes previstas, iguais e calculados e privado a originalidade e a liberdade de criação.

O ensaio de Berman (1986) se inicia com a leitura crítica da resenha de Baudelaire “São de 1946” cuja prefácio intitulado “ Aos burgueses” cria um clima de perplexidade na burguesia por sua visão positiva da burguesia e colocando-a como vítima de aristocracia causadora da estagnação da arte. Essa visão pastoral de Baudelaire advém do reconhecimento do desejo de progresso da burguesia o que une a modernização material e a espiritual. Contudo, as visões contraditórias, segundo Berman (1986), com as quais Baudelaire não se dava conta, aparecem depois na beleza que enche os olhos da passagem do Regime Militar com o “Show de aparência, modelos brilhantes” (p. 135), ou seja, o belo que agrada as vistas, mas não preenchem as almas. Para ampliar as contradições em Baudelaire, Berman (1986) retoma “O Pintor da Vida Moderna” e compara o progresso com o demônio, os quais deve-se evitar pois ambos não têm garantia divina e são ilusões que levam à decadência. Nesse sentido, Baudelaire desprende o artista do mundo material e coloca a arte como individual e inata. Não há, pois, influência de passado ou presente, mas o artista é a própria criação, “intocado”, flutua livre, acima de tudo. ” (p. 136). E em ser divinizado, objeto-em-si (sing-an-sich), o centro é o eixo de si mesmo.

Contudo, no ensaio “O Público Moderno e a Fotografia” o poeta faz crítica à beleza capturado pela fotografia e reproduzida na pintura. Afirma que ambos (progresso e poesia) são adversário, não se fundem. Por isso, vê como potencial suas fantasias do que a realidade

pintada, não por aquele que sonha, mas aquele que vê e reproduz. Em “O heroísmo da vida moderna”, Berman (1986) aponta que o conflito, para Baudelaire, é o ponto de origem do heroico sujeito moderno. Exemplo disso poderia ser o ministro e seus opositores nas trocas de farpas inflamadas contra si e contra todos.

No geral, o texto evidencia através da beleza ilusória que a vida parisiense demonstra, os símbolos da vida moderna como a fluidez e a qualidade atmosférica. Elementos que aparecem depois nas produções do fim do século XX. O poeta então, tem nas mãos o poder de entrar na multidão, assim como as transformações modernas, energia elétrica, por exemplo, entraram na vida cotidiana: “O verdadeiro objetivo do artista moderno consistiria em rearticular tais processos, inoculando sua própria alma e sensibilidade através dessas transformações, para trazer à luz, em sua obra, essas forças explosivas” (p. 141). O que aparecem mais tarde como Eliot, Pound e Apollinaire, no início do séc. XX, artistas de verso livre. “Spleen de Paris” é exemplo disso. Uma coletânea de poemas em prosa que foi publicado, ainda incompleto, após a morte de Baudelaire. Os poemas em prosa são, portanto, uma nova linguagem, exigido pela vida moderna. Partem de experiência observatória da vida cotidiana como no poema “Os olhos dos Pobres”. Um olhar de pobres que viam imagens belíssimas dos boulevares. Viam o que a burguesia via, mas pensavam diferente de um casal apaixonado, por exemplo, que utiliza a passagem para deslumbrar a paixão. N’Os olhos dos pobres’ estão as curiosidades de todo aquele esplendor que eram os boulevares- modelo de “espaço físico e humano unificado” (p. 146) e as mudanças fascinantes da vida moderna. O poema traz uma visão de que a modernização da cidade é um elemento que unifica e separa o homem, do privado ao público.

Observam toda beleza que passa por si e tenta compreender o outro e a si mesmo. É o novo mundo apresentado por Baudelaire. Nesse sentido, vê uma mistura de inovação urbana e moderna com a realidade parisiense afetada por esse processo. Tudo isso visto através dos olhos que os pobres lançam na grandeza e beleza do boulevard. Não há como omitir aqueles pobres que estão misturados entre o luxo da cidade e passeiam por ela seus olhares atentos e indagadores. Talvez a pergunta seria: “Porque estamos dentro dessa ‘estrutura’ e não fazemos parte dela? As cenas de vida moderna que traz as vistas o ‘progresso’ traz também as rejeições advindas dessas transformações. O casal que assiste o olhar dos pobres no poema, tem duas visões: uma esquerdo liberal que se comove por aqueles que vem e não podem desfrutar e outro, de direita que domina e afugenta os desafortunados. Não há como fugir dessa realidade: a solução seria desfazer todos os feitos, as belezas que deram sorrisos em uns e lágrimas em outros.

Ainda em *Spleen de Paris*, Berman (1986) analisa o poema “A Perda do Halo” e decifra alguns enigmas. Segundo o autor, Baudelaire objetivava satirizar e simbolizar a dessacralização do poeta que, é seu próprio Deus. A arte e o poeta estão acima de tudo. Essa dessacralização, vista também em Walter Benjamim quando o mesmo relaciona Baudelaire com Marx, os heróis são como anti-heróis. Demonstram a realidade sem seriedade e seu compromisso. Nesse ambiente, os boulevares, com seus longos corredores urbanos faz aparecer o arquétipo do homem dentro de um verdadeiro caos. Ou seja, da inquietante movimentação num espaço único, público. Assim, Berman (1986) esclarece que o indivíduo da cidade moderna se fez forte e capaz de se adequar a esses movimentos e, dentro deles, a liberdade. O modernista sente-se em casa, o anti-modernista procura a fuga, ambos partilham as mesmas angústias no lodaçal de macadame.

Berman (1986) traz com essas leituras do modernismo oscilante de Baudelaire, que ora se contradiz, ora se reinventa, o entendimento que o modernismo se transforma, cria halos na cidade e no indivíduo para que se perca e se encontre como num ciclo. É assim com o modernismo da cidade e com o poeta. São intrinsecamente complementares, mutáveis.

De tudo isso, ficou o legado de Baudelaire que Berman (1986) decifra para as novas gerações de artista. Nunca é demais compreender os pensamentos do poeta que criou junto às revoluções da cidade, para que hoje reconheça-se, através da arte, alguns elementos que explicam o processo de modernismo e modernização que passaram (e passa) os homens, a cidade e a arte.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. Baudelaire: o modernismo nas ruas. In: BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.